



# Desindustrialização no Complexo Econômico-Industrial da Saúde brasileiro sob a ótica do emprego

**Palavras-Chave:** Desindustrialização; Complexo Econômico-Industrial da Saúde; Emprego industrial; Desenvolvimento socioeconômico

**Autores:**

**Bruno Cesar Marcomini – IE/Unicamp**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivette Luna (orientadora) – IE/Unicamp**

---

## INTRODUÇÃO:

O debate a respeito do desenvolvimento socioeconômico de um país é permeado na literatura econômica pelo papel crucial desempenhado pela indústria, responsável por impulsionar transformações estruturais através da geração de renda e emprego, progresso técnico e crescimento econômico por consequência. Uma etapa natural do processo de desenvolvimento é a contrapartida do seu próprio vetor, a desindustrialização; sua definição embrionária reflete a diminuição da participação relativa da mão de obra industrial diante da mão de obra total de um país, contudo, a definição mais contemporânea trazida por Tregenna (2009) explicita uma combinação multifatorial pela qual podemos analisar o fenômeno por diferentes óticas, contemplando não somente a diminuição do emprego industrial como também a diminuição da participação da indústria no valor adicionado e na pauta de exportação de um país.

A naturalidade desse processo ocorre porque o desenvolvimento econômico tem como um de seus efeitos a diversificação da estrutura econômica e produtiva, aumentando por exemplo a importância da participação relativa do setor de serviços na composição da economia. Observa-se, no entanto, que em países subdesenvolvidos — aqui vistos como países que não possuem uma inserção integral à dinâmica capitalista hegemônica tal como define Furtado (2000) — quaisquer indícios do fenômeno da desindustrialização representam, na verdade, um retrocesso na agenda de desenvolvimento e crescimento econômico desse grupo de países, uma vez que esse fenômeno acontece de maneira precoce.

Analisando o contexto brasileiro, observa-se que o país vem passando por esse fenômeno nos últimos 20 anos. A literatura econômica comumente discorre sobre isso a partir do viés macroeconômico do fenômeno, Oreiro (2010) e Feijó (2010) entendem que a abertura financeira dos anos 90 e a histórica ausência de políticas industriais são as principais causas assim como Sonaglio et. al (2010) entendem que a problemática está intimamente ligada à apreciação cambial, afetando essencialmente a pauta de exportação e implicando o processo de reprimarização da economia brasileira.

Nesse sentido, o fenômeno da desindustrialização precoce é responsável também por gerar efeitos negativos em um âmbito social. É possível afirmar que a indústria representa um dos principais vetores do desenvolvimento socioeconômico e que um país cuja estrutura produtiva não o promove apresenta fragilidades; o presente trabalho propõe-se a discorrer sobre uma dessas fragilidades relacionada ao setor de saúde.

A Pandemia de Covid-19 no Brasil configurou-se como um cenário catastrófico tanto em número de mortes quanto em impactos nos índices econômicos, atingindo um nível histórico de desemprego de 14,4% de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar COVID-19 (PNAD). Nesse contexto, observou-se principalmente uma dificuldade muito relevante em relação aos recursos utilizados no combate ao vírus, uma vez que os diversos relatos explicitaram que houve falta de equipamentos básicos de proteção, denominados EPIs, bem como medicamentos e insumos para a indústria farmacêutica, o que explicita a vulnerabilidade da saúde no país. O desempenho brasileiro durante a Pandemia reflete as condições da infraestrutura industrial que permeia a área da saúde, assim, é possível notar que a dinâmica da saúde possui uma integração entre diversos entes, a qual é designada por Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS).

O CEIS representa uma sistematização da saúde brasileira em que ocorre uma integração entre o setor de serviços, a partir da prestação de serviços em saúde como as clínicas médicas e hospitais, bem como o setor industrial, que serve de base para a produção cujo destino se dá pela prestação de serviços.

A saúde aqui é tratada como uma opção estratégica para o desenvolvimento do Brasil (Grabois et al., 2022) e, portanto, possui grande relevância no que tange sua base produtiva, tanto por incorporar grande parte da tecnologia disponível quanto por representar aproximadamente 10% das ocupações formais hoje em dia no país. Ao analisarmos a composição dos produtos oriundos dessa indústria na pauta de exportações, concluímos que há uma redução progressiva ao longo dos últimos 10 anos, assim como a proporção do dispêndio em saúde em relação ao PIB. Contudo, a literatura econômica disponível pouco trata sobre o emprego industrial e os impactos de sua dinâmica ao longo do tempo. Desse modo, o presente estudo dedica-se a aprofundar o debate sobre o desenvolvimento socioeconômico brasileiro por meio das mudanças da estrutura produtiva na área da saúde, cuja importância é refletida na geração de bem-estar social, progresso técnico e crescimento econômico.

## **METODOLOGIA:**

A metodologia utilizada no estudo orientou-se a partir de um extenso levantamento bibliográfico sobre os assuntos supracitados e por um levantamento de dados que contempla uma análise empírica a respeito da situação do emprego industrial no setor de saúde. Em se tratando do tema “estrutura produtiva”, a literatura econômica possui uma análise majoritariamente voltada aos indicadores macroeconômicos, desse modo, fez-se necessário inicialmente compreender as principais influências macroeconômicas sobre a atuação da indústria brasileira, dentre elas: o comportamento da política

cambial desde a abertura econômica entre os anos 1980 e 1990, a dinâmica do comércio exterior e as atividades econômicas com maior composição no produto brasileiro.

A partir da compreensão da conduta macroeconômica brasileira nos últimos anos, permeada pela apreciação cambial e por uma pauta de exportação com maior presença de produtos de baixo valor agregado, em um momento posterior, tornou-se possível coletar uma bibliografia que trouxesse uma nova perspectiva a respeito do fenômeno, assim, fez-se um recorte cujo cerne foi o emprego industrial, desde sua definição histórica até a situação atual em que se encontra no país. A conclusão principal extraída foi a de que, apesar das diversas evidências de uma perda de importância relativa da atividade industrial, houve mudanças ao longo dos anos significativamente positivas no que tange a mão de obra industrial, aumentando sua composição no total bem como sua importância perante a função dentro da estrutura.

Nesse sentido, após um extenso detalhamento a respeito dos indicadores industriais e da situação atual brasileira, a bibliografia passou a permear o caso aplicado da indústria de saúde humana. Grande parte da bibliografia refletiu sobre o funcionamento Complexo Econômico-Industrial da Saúde e sua importância socioeconômica na realidade brasileira bem como o funcionamento das dinâmicas de integração entre os entes econômicos e como eles se expressam.

Após o levantamento bibliográfico, a metodologia centrou-se sobre a coleta de dados e análise. Inicialmente, explorou-se a Conta-Satélite de Saúde do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que se trata de uma extensão das Contas Nacionais por meio da qual é possível extrair análises a respeito da evolução do setor de saúde em perspectiva com a atividade total da economia. Nela, a análise centrou-se em coletar dados a respeito do perfil do setor de saúde principalmente a respeito da balança comercial e da fabricação dos produtos farmacêuticos e de equipamentos. Além disso, a fim de explorar a ótica do emprego industrial, utilizou-se a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para extrair análises a respeito da composição da mão de obra industrial, da sua evolução e do tipo de ocupação presente na indústria, como uma proxy para o potencial inovativo.

A intenção com a metodologia estabelecida foi a de, primeiramente, entender como ocorre o debate contemporâneo a respeito das intersecções entre indústria e desenvolvimento econômico, na tentativa de estabelecer quais seriam os principais parâmetros analisados pela literatura econômica para estabelecer definições a partir das interpretações sobre o que é desindustrialização e como ela afeta os índices econômicos. Em segundo lugar, entender a partir das discussões atuais o caso aplicado da indústria de saúde e suas implicações diante a sociedade para, por fim, estabelecer as relações entre o contexto brasileiro e as mudanças recentes na estrutura produtiva do CEIS e a estrutura do emprego industrial.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Preliminarmente, podemos observar efeitos significativos do processo de desindustrialização precoce no setor industrial de saúde. Ao analisarmos inicialmente os indicadores macroeconômicos notamos um aumento do déficit das contas financeiras do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, o que David et al. (2022) inferem ser um indicativo da atração de capital estrangeiro, implicando necessariamente uma piora na balança comercial, especialmente a partir da última década, ainda que o setor ocupe uma posição de bastante relevância na composição do produto, mobilizando cerca de 10% do PIB brasileiro (Gadelha et al., 2021).

Partindo agora para a análise da produtividade do setor industrial da saúde, observa-se um baixo nível de investimento nas atividades produtivas, o que implica em baixos níveis de inovação dentro da estrutura produtiva nacional. Além disso, observa-se alta concentração de capital estrangeiro dentro da organização industrial do CEIS como aponta Alves (2022), em conjunto com terceirização dos serviços prestados, tendo como resultado principal o enfraquecimento da estrutura produtiva e redução em seu potencial inovativo.

Centrando na ótica do emprego industrial, é notável a importância do CEIS enquanto gerador de empregos e renda, estima-se que o complexo é responsável por gerar 25 milhões de empregos direta e indiretamente, levando em consideração tanto o subsistema de serviços quanto os subsistemas industriais e concentra cerca de 33% da produção científica no país, embora a relação de gasto seja baixa (Gadelha et al., 2021). As análises indicam, preliminarmente, que não há uma perda persistente da proporção da mão de obra industrial em relação ao emprego total no país, e que, na verdade, houve um tímido crescimento ao longo dos últimos anos, o que não reflete, contudo, o papel central da indústria.

## **CONCLUSÕES:**

A precoce desindustrialização brasileira afeta o potencial de crescimento e o desenvolvimento socioeconômico no longo prazo do país por não possuir uma estrutura produtiva sólida e competitiva no mercado internacional. Para além do aspecto financeiro, nota-se como esse processo gera externalidades negativas em relação ao bem-estar social, uma vez que o caso aplicado do setor de saúde explicita uma vulnerabilidade que, em grande medida, existe em decorrência de uma indústria que, apesar da relevância no cenário econômico, está distante de um padrão sólido de estrutura.

Percebe-se, pois, que a saúde é vista como um setor estratégico para desenvolvimento das estruturas econômicas por meio dos sistemas industriais associados, cuja produtividade possui grande potencial no que tange o progresso técnico, o qual apresenta grandes limitações quando tratamos de analisar o nível de produção e sua composição na pauta de exportação. Vê-se, por outro lado, um ambiente próspero no que tange o emprego industrial, que não apresenta uma perda persistente no setor da indústria da saúde, contudo, as ocupações não estão refletindo em absorção de conhecimento e significativos avanços científicos na própria produção.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nathalia Guimarães. **Redes de Inovação Farmacêutica: evidências do Brasil. Economia Industrial e da Tecnologia**, [s. l.], 2022. Disponível em: [https://www.anpec.org.br/encontro/2022/submissao/files\\_/i932603d0af580b3d550b664c40da0943a.pdf](https://www.anpec.org.br/encontro/2022/submissao/files_/i932603d0af580b3d550b664c40da0943a.pdf). Acesso em: 31 out. 2022.

FURTADO, C. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADELHA, Carlos Augusto Grabois et al. **SAÚDE É DESENVOLVIMENTO - O Complexo Econômico-Industrial da Saúde como opção estratégica nacional**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1660>. Acesso em: 13 dez. 2022.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A. **Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro**. Revista de Economia Política, [s. l.], v. 30, ed. 2, p. 219-232, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/rLLpcPDRQVXPj5BskzHqLqx/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2022.

Sonaglio, C., Zamberlan, C., Lima, J., Campos, A. **Evidências de desindustrialização no Brasil: uma análise com dados em painel**. Revista de Economia Aplicada, v. 14, n. 4, p. 347-372, 2010.

Tregenna, F. (2009). **“Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally”**. Cambridge Journal of Economics, Vol. 33.